



A NEGAÇÃO NAS LÍNGUAS DO GRUPO NSENGA-SENA (N40) EM COMPARAÇÃO COM A LÍNGUA DO GRUPO NYANJA (N30): CASO DAS LÍNGUAS CINYUNGWE (N43), CISENA (N44) E CINYANJA (N31a)

Autor: Leonildo Inácio Viagem; Actualmente Professor do Instituto Médio de Geologia e Minas de Moatize, Província de Tete

Leonildo Inácio Viagem é licenciado em Linguística e Literatura pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane sediada em Maputo-Moçambique. Docente de Linguística Descritiva de Português, na Universidade Católica de Moçambique – Centro de Ensino à Distância, Delegação de Tete. (cell: 258 824313480/ 258 856286222; email: leoviagem@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem como objectivo descrever as marcas de negação nas línguas bantu pertencentes ao grupo Nsenga-Sena, portanto cingir-nos-emos nos morfemas de negação nas línguas Cinyungwe, Cisena e Cinyanja. Embora todas as línguas naturais tenham um morfema de negação, em que nas línguas bantu pode ocorrer junto do verbo ou separado é pertinente investigarmos cada tipo de morfema que ocorre em cada língua destes dois grupos, uma vez que cada língua apresenta uma forma diferente da negação em relação a outra.

Palavras-chave: Negação, Línguas Bantu, Cinyungwe, Cisena e Cinyanja.

Introdução

Diferentemente do que muita gente acredita, os bantu não são um povo, nem sequer são uma etnia. Bantu é um tronco linguístico, ou seja, é uma língua que deu origem a diversas línguas africanas. Hoje são mais de 400 grupos étnicos que falam línguas bantu, todos eles ao sul da linha do Equador.

As línguas do grupo bantu pertencem ao phylum Níger-Congo, subgrupo Benu ê-Congo, conforme a classificação de Greenberg (1963), ratificada pelas propostas actuais (Heine & Nurse, 2000). Incluem mais de quatrocentas línguas, faladas na região central e sul da África. Constituem um conjunto bastante homogêneo do ponto de vista lexical e gramatical, cuja unidade foi reconhecida no século XIX, confirmada pelos trabalhos de Meinhof (1899) que reconstituiu o proto-bantu. Desde então, grande parte dos estudos sobre esse universo linguístico dedica-se a comparar traços gramaticais das línguas envolvidas, (Guthrie, 1967/71).

Essas línguas possuem características comuns, como usar a palavra *bantu* (plural) para designar "pessoas", "seres humanos" (o singular é *untu*). Estas línguas são chamadas línguas aglutinantes, isto porque dentro das suas palavras estão concatenados vários morfemas com funções diversificadas. Tomando como exemplo a própria palavra Bantu em que há a presença do morfema *ba-* que compreende o prefixo nominal, marca do plural –*ntu-* tema nominal.

Em algumas línguas o prefixo nominal da palavra realiza-se em **anthu**, **bantu**, **vanthu**, **wanthu**, isto dependendo de língua para língua. Mas, fora a semelhança na linguagem, os diversos povos

não possuem nada em comum: nem religiosidade, nem traços físicos, nem formas de organização social ou política. Werner (1919) refere que foi Bleek (1851) quem depois de ter chamado *pronominal prefix languages* (línguas de prefixo nominal) “às línguas da África sub-sahariana que comparou e observou a existência de um sistema comum de concordância por meio de prefixos, utilizou pela primeira vez o termo “bantu” para se referir a estas línguas” Ngunga (2004:24).

Atualmente o termo bantu é usado nos estudos da linguística moderna para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por perto de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea que se estende a sul de uma linha que vai desde os montes Camarões (a sul da Nigéria), junto à costa atlântica, até à foz do rio Tana (no Quênia). É preciso salientar que dentro da região da África subsaariana, onde se fala maioritariamente as línguas bantu, existem em alguns países enclaves, focos ou pequenos grupos de falantes de língua não bantu como é o caso de *Khoi, San e Hotentote* (kalahari) na África do sul, Botswana e na Namíbia; *Maasai e Luo*, no Quênia; *Hadza (Hatsa), Iraqw, Maasai, Sandawe*, na Tanzânia, e talvez outras línguas noutros países.

Os estudiosos da linguagem acreditam que a língua bantu se originou na região onde hoje ficam a República de Camarões e a Nigéria, na África Ocidental. Por algum motivo que ainda se desconhece, por volta do século 1 d.C., parte da população local iniciou uma expansão ao leste e ao sul, povoando territórios desocupados e, também, fazendo guerras, expulsando e misturando-se aos povos que encontravam. As várias línguas que existiam nesses territórios foram assimiladas, fundidas, mas mantiveram traços característicos do bantu, por isso são consideradas línguas bantu.

Dessa forma, o estudo do bantu é um dos mais importantes caminhos para se compreender o processo de formação de muitos dos povos africanos. Para se ter uma ideia, hoje em dia, em uma grande quantidade de países da África fala-se línguas bantu: Camarões, Gabão, Congo,

República Democrática do Congo, Uganda, Quênia, Tanzânia, Moçambique, Malawi, Zâmbia, Angola, Namíbia, Botswana, Zimbabwe, Suazilândia, Lesotho, África do Sul.

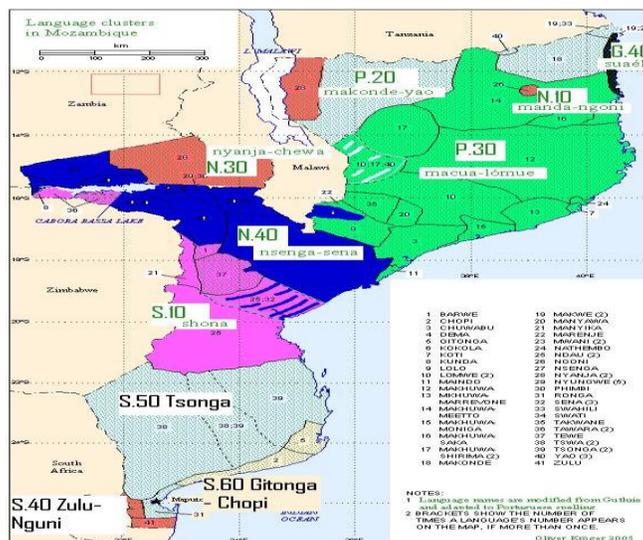


Figura 1: Zonas Linguísticas de Moçambique e grupo nsenga-sena. Mapa retirado da obra de Rego (2012)

A Negação

Os estudos comparatistas tradicionais realizados sobre as línguas bantu observaram que o modo do verbo influencia na posição do morfema negativo, que aparece em posição pré-inicial, no indicativo, e em posição pós-inicial, nos outros modos.

C. Meinhof (1906-1948) foi o primeiro a reconstruir os morfemas negativos *ka, *nka, *ta, *nta, sem todavia precisar nem o modo nem a posição em que aparecem.

Segundo ele, o morfema de tipo *-si* atestado no domínio bantu, derivaria de *ka; assim a sequência *-ka-ni- teria chegado a *-si-*. Por outro lado, o autor assinala que a simetria entre o negativo e o afirmativo não é sempre perfeita. Essa observação coloca em questão o estatuto geral da negação em bantu; pode-se perguntar se a conjugação negativa difere totalmente da afirmativa. A Werner (1919), que retoma o essencial das conclusões de seus predecessores, propõe a seguinte hipótese: a dissimetria entre o negativo e o afirmativo teria sido total em proto-

banto; algumas línguas teriam perdido a conjugação negativa e utilizado o morfema negativo à esquerda da forma afirmativa.

A Meussen (1967) reconstrói não só os morfemas negativos, mas também os outros morfemas da conjugação negativa (finais e formativos): pré-iniciais *ka- e *ta- (indicativo), pós-iniciais *tí- (subjuntivo) e *-ta- (em orações relativas e com o infinitivo); finais *-i (indicativo presente negativo), *-a (em infinitivo e relativas), *-ídé (passado) e *-e (subjuntivo). Além disso ele destaca algumas características do morfema negativo do proto-banto, como o contraste tonal entre a pré-inicial negativa e o prefixo verbal (*Tons Baixo/ Alto), e as formas especiais do morfema negativo atestadas na classe 1 expandida (1ª sg * cí-; 2ª sg *ku- ou *tu-; cl. 1 *ká- ou tá-) o emprego de uma pré-inicial no indicativo e de uma pós-inicial nos outros modos.

Segundo Guthrie (1967-1971), o proto-banto teria tido os dois morfemas negativos **tà e **cí, de onde derivariam algumas das “correspondências” que ele propõe (*ca, *ci, *ci, *ka, *nka, *ta, *ti e *yi).

A forma verbal negativa traz ela mesma a negação; ela é flexional, ao contrário das línguas europeias que recorrem à adjunção de um morfema negativo. Para traduzir uma frase do tipo “ nós não trabalhamos”, a maioria das línguas bantu utiliza uma forma verbal negativa, caracterizada pela presença de um morfema negativo. As línguas sem morfema negativo têm, em geral, um advérbio negativo.

O constituinte verbal é um complexo de marcas que caracterizam o núcleo central, formado pelo lexema verbal. Essas marcas situam-se à esquerda e à direita do lexema verbal, numa relação hierárquica, isto é, cuja presença é obrigatória ou facultativa. Enquanto suporte da função sintática de predicado, o constituinte verbal resulta da associação de três elementos obrigatórios: a marca de tempo, o lexema verbal, e a marca de aspecto, e de um elemento facultativo - o derivativo (extensão, para os bantuístas), que segue o lexema verbal e tem por função ampliar o valor semântico inicial deste.

Segundo (Rose et al (2002: 55), “a forma negativa é usada para se referir ao oposto da forma afirmativa. É, normalmente, uma categoria marcada”. Nos estudos das línguas bantu, a negação é uma área fascinante tanto para os estudos descritivos como também para a própria teoria linguística, devido às várias posições que os seus morfemas podem ocupar na estrutura do verbo nos diferentes tempos verbais (Tanda e Neba 2005, Mutaka e Tamanji (2000). Nas línguas bantu, normalmente, se usa mais de um morfema para marcar a negação em enunciados.

Geralmente, a escolha do morfema, de entre vários factores, é determinada pela sintaxe, semântica e pragmática. Os diferentes morfemas de negação ocupam várias posições sintácticas também diferentes, dependendo do escopo da negação, i.e., o constituinte directamente afectado pelo morfema de negação.

De acordo com Meeussen (1967), não se consegue predizer os padrões da negação na estrutura do verbo no Proto-Bantu. Contudo, este autor considera que as posições disponíveis para receber as marcas de negação, embora não de forma muito clara, são a pré-inicial, a posição pós-inicial e a final, nesta última expressa pelo morfema -i.

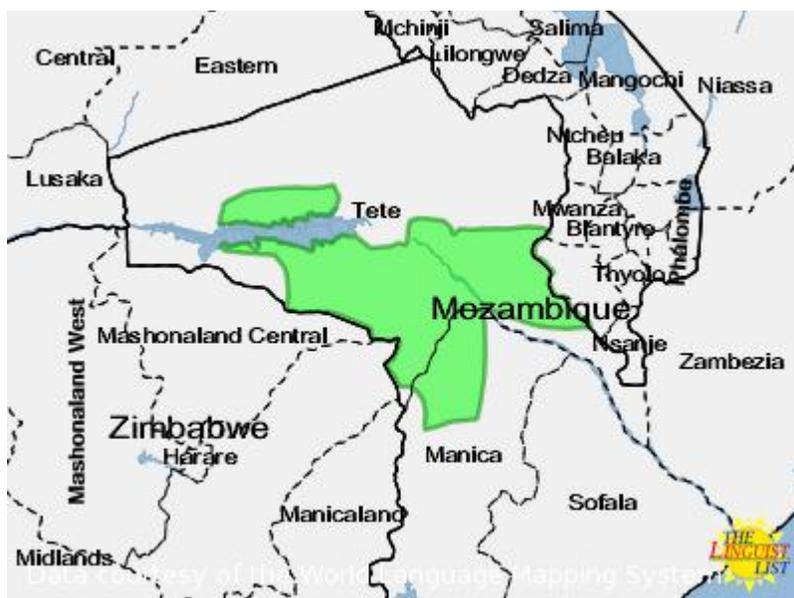
No presente trabalho, discute-se a negação expressa morfologicamente através de morfemas que, por sua vez, variam de acordo com tempo verbal em causa.

Caracterização sócio geográfica da língua Nyungwe.

A língua Nyungwe pertence ao grupo N40 com a codificação de N43. Segundo Ngunga (2000) citado por Viagem (2008:2) o cinyungwe é basicamente falado na província de Tete nos distritos de Moatize, Changara, Cidade de Tete, Cahora-Bassa e partes de Marávia. Estudos recentes revelam que existem comunidades falantes desta língua no Malawi, Zimbabwe e Zâmbia. Existem ainda comunidades de falantes do cinyungwe no distrito de Guro (Manica), outrora pertencente à província de Tete. Rego (2012:32).

Ainda o linguista Rego citando (Dalsgaard, 2005), afirma que estima-se que cerca de 431.442 pessoas sejam falantes *nyungwes*, representando entre 1,64% (Gordon, 2007) a 2,62% (INE, 1998) da população moçambicana.

O local onde está hoje edificada a cidade de Tete era uma antiga povoação *swahili* onde se realizava uma importante feira regional do Reino do Mwenemutapa, quando foi ocupada pelos portugueses em 1530. A primitiva fortificação de Tete, mais tarde Forte de São Tiago Maior, vulgo Fortaleza de Tete, remonta aos anos de 1575-1576 e simboliza a presença efectiva dos portugueses na região. (Rego 2012: 32) Observemos o mapa abaixo da zona de predominância da língua nyungwe.



Mapa 2: Fonte: <http://lmap.org/languages/nyu.html>. (Consultado em 19/03/2014)

SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO CISENA

Conforme a classificação de Guthrie (1967-71), citado por Ngunga (2004), na classificação das línguas Bantu, a língua Sena está integrada no grupo linguístico N44, sendo ela N40, grupo Senga-Sena.



Segundo Siteo e Ngunga (2000), e consultores linguísticos de 2005, a língua Sena é constituída por 8 dialectos que são os seguintes Citonga, o dialecto com mais números de falantes do Cisena; é conhecido como o mais falado e correcto desta língua. Isso, devido a sua localização e abrangência é falado nos distritos de Maringue, Chemba, Tambara, Guro, Barwe, Gorongoza, Caia e Cheringoma; Cibalwe, falado nos distritos de Barwe, Catandica, Tambara, Guro, e a parte ocidental dos distritos de Gorongoza, Maringue e Chemba (consultores linguísticos, 2005) No que concerne a localização geográfica da língua Cisena, Alfândega (2003), diz que a língua Sena é falada em dois países vizinhos; que são Malawi e Moçambique. No Malawi fala-se no sul, nas zonas de Nsanje e Chiromo, cujas percentagens não temos em mão. Simango (1997), afirma que os dados sobre os falantes do Cisena apresentados pelo senso populacional de 1980, referem-se apenas aos falantes dentro de Moçambique, pois segundo ele existem também falantes do Cisena no Malawi. A mesma informação é corroborada por Lopes (1999), que tem o Cisena como a língua dos habitantes da região da República do Malawi. Com as investigações em curso pudemos encontrar ainda, algumas comunidades Sena no Zimbabwe. E na República de Moçambique é fado mais concretamente na região central, as actuais províncias de Zambézia, Sofala, Tete, e Manica, (Siteo e Ngunga 2000).

Primeiramente, a maioria dos falantes desta língua estava concentrada ao longo das margens do rio Zambeze, desde o Oceano Indico até as montanhas de Lupata-Zumbo, fazendo a fronteira com o Cinyungwe falado na província de Tete.

A língua Sena também é falada ao longo do rio Chire, afluente do Zambeze na margem esquerda ao norte e prolonga-se até ao interior da República do Malawi, na margem direita ao sul, o Cisena estende-se até ao rio Buzi, onde faz limite com o Cindau.

NYANJA ou CHINYANJA

O **Cinyanja** tem a sua origem no império marave, que dominou a maior parte do atual Malawi e

parte de Moçambique e da Zâmbia desde o século XV ao século XVIII. A língua manteve-se dominante apesar da fragmentação do império e das invasões angonis, tendo sido adoptada pelos missionários cristãos no início do período colonial. Língua com aproximadamente 423,000 falantes em Moçambique (1993); 3.200.000 em Malawi (1993); 989.000 na Zambia (1993); 251.800 no Zimbabwe (censo 1969); 5.000.000 em todos os países (1995). Niassa, Zambézia e na Província de Tete. CiChewa no distrito de Macanga, Tete; CiNgoni em Sanga e Lago Niassa, Antónia em Tete; CiNyanja ao longo do Lago Niassa e Tete. Também na Tanzania. Dialectos: chewa (cewa, chichewa, cicewa), ngoni (cingoni), nyanja (cinyanja).

A NEGAÇÃO NAS LÍNGUAS DO GRUPO NSENGA-SENA (N40) EM COMPARAÇÃO COM A LÍNGUA DO GRUPO NYANJA (N30): CASO DAS LÍNGUAS CINYUNGWE (N43), CISENA (N44) E CINYANJA (N31a)

Como sabemos o tema do nosso trabalho é sobre a negação nas línguas do grupo Nsenga-Sena (N40), falaremos concretamente das línguas Cinyungwe (N43), Cisena (N44) em comparação com a língua Cinyanja (N31a) pertencente ao grupo Nyanja (N30). Ora vejamos.

Língua Nyungwe (N43):

1. Tinigula **lini** nguwoyi sabwa yidaumira. “Não compraremos este tecido porque está caro”
2. Ine ndiri kupfunza **lini**. “ Eu não estou a estudar”
3. Sisiri akakhuta **si** angoneka banda “Passarinho quando saciar-se não despede almofariz”
4. Ine **si** ndihkafamba “ eu não caminhava”
5. **Tiribe** kuthawa njala gole la 1983. “ Não fugimos a fome do ano de 1983”
6. Ndiribe kobiri “ Não tenho dinheiro”

Como os exemplos ilustram acima, na língua Nyungwe, a marca de negação pode ser um morfema livre neste caso o “**lini**” (expressando acções no presente e no futuro), e ocorre a seguir

à forma verbal. Pode-se usar igualmente o advérbio **Si** (não) colocado antes do verbo em vez de **lini** colocado depois do verbo. Esta forma de negação (**Si**) nesta língua não é muito usada. Para a negação pode se usar igualmente o morfema **–ribe**.

No terceiro caso do exemplo, isto é nos exemplos 5 e 6 a negação é expressa através de um verbo auxiliar que é antecedida pela marca de sujeito **MS-ribe** (no passado recente bem como remoto) que na estrutura frásica, ocorre imediatamente antes do verbo principal, isto é o verbo negado.

É importante realçar que em alguns casos este morfema de negação **–ribe** é realizado em **–libe**, principalmente quando a marca de sujeito está na 3ª pessoa do singular ou plural como nos exemplos abaixo:

Ex: **Alibe** makhadzi ule. “ Não tem namorada aquele”

Atsikana watsapano **alibe** cimphote nciuno. “ As mocas actuais não têm missangas na cintura.

Em alguns casos usam-se o morfema independente **nyonyo** “ não quero” como ilustram os exemplos:

7. **Nyonyo** ine “ não quero eu”
8. **Nyonyo** kudya “ Não quero comer”
9. **Nyoyo** kuyenda “ Não quero ir”

Língua Cisena (N44):

Na língua Sena a marca é realizada pelo prefixo **ha-** que ocorre sempre na posição inicial da estrutura da forma verbal em todos os tempos. Além do recurso ao morfema preso **ha-**, no presente, a língua Sena usa alternativamente, e de forma muito produtiva, o morfema livre **taye** “não” como marca de negação que ocorre a seguir à forma verbal desse tempo.

1. **Hatidaluma** ou tidaluma **taye** “ Não mordi”
2. **Hatikuluma** ou tikuluma **taye** “ Não morde”
3. **Hatindzaluma** ou tindzaluma **taye** “ Não morderei”

Nos exemplos acima, em no. 1. Apresenta-se uma palavra no passado em que temos a marca de negação **ha-** a co-ocorrer junto ao verbo e temos a outra forma em que aparece o morfema livre **taye**. Os exemplos seguintes 2 e 3, são do presente e futuro respectivamente.

Para além desses morfemas também usa-se o morfema **nkha-** que também é anteposto ao verbo tal como acontece em **ha-** e o **si-** igualmente antecedido por um verbo ou simplesmente pela palavra independente ou **nkhabe** como por ex:

4. **Nkhafuna** “ não quero”
5. **Nkhabwera** “ não vem”
6. **Sikalipo** “ Não estava ali”
7. **Sinachitabve** “ Não faço outra vez”
8. **Nkhabe** “ Não há”

Língua Nyanja (N31a):

Na língua Nyanja a marca de negação no passado é o prefixo **si-** que ocorre na posição inicial da estrutura da forma verbal. Este morfema não varia nem a função do tempo verbal nem em função da pessoa gramatical.

Este morfema **si-** em muitos casos é reforçado pelo morfema independente **Iyai** (não).

Para além do **si-** que é muito usado também usa-se o morfema independente **toto** e **nono** que antecede o verbo. Exemplos

1. **Sitilakwa** “ não falhamos”
2. **Sindifuna** “ Não quero”
3. **Sitilakwa iyai** “ Não falho não”
4. **Toto** kudya mbwani “ Não quero comer mandioca”
5. **Nono** kudya mbwani “Não quero comer mandioca”

Ainda nesta língua a negação é expressa através de um verbo auxiliar que é antecedida pela marca de sujeito **MS-ribe** (no passado recente bem como remoto) que na estrutura frásica, ocorre imediatamente antes do verbo principal, isto é o verbo negado. Exemplo.

1. Mb'ale wanga **alibe** nkazi okongola. “meu irmão não tem mulher bonita”
2. N'yamata uyu **alibe** ntima wabwino. “Este rapaz tem bom coração”
3. Ine **ndiribe** tsogolo “Eu não tenho futuro”

É importante realçar que em alguns casos este morfema de negação **-ribe** é realizado em **-libe**, principalmente quando a marca de sujeito está na 3ª pessoa do singular ou plural.

Conclusão

Perante a análise efectuada constata-se que a língua Sena apesar de fazer parte ou pertencer o mesmo grupo linguístico com a língua Nyungwe, estas duas apresentam morfemas de negação totalmente divergentes.

A língua Sena usa os morfemas **ha-**; **nhka-**, **si-**, **taye** e **nkhabe** para a negação enquanto na língua Nyungwe usam **-lini**, **si-**, **-ribe**, e **nyonyo** e Nyanja usam os morfemas **si-**, **totó**, **nono**, e **-ribe**.

Nestes morfemas de negação descritos acima nota-se que nas três línguas estudadas em que duas pertencem ao mesmo grupo linguístico Nsenga-Sena, falamos do Cinyungwe, Cisena e a língua Cinyanja do grupo Nyanja nota-se que há uma certa similaridade entre os morfemas de negação da língua Cinyungwe e do Cinyanja. Ora vejamos existe uma partilha morfémica entre as línguas principalmente no uso dos morfemas **Si-**, **-ribe**. As expressões **toto** ou **nono** do Nyanja são equivalentes a expressão **nyonyo** da língua Nyungwe. Assim nota-se que a língua nyungwe e Sena apesar de pertencerem a um grupo linguístico diferente do grupo Nyanja, apresentam uma certa similaridade ao nível das marcas de negação no que concerne ao **si-** ocorre na língua



nyungwe, Sena e Nyanja; o morfema **–ribe** que é antecedido pela marca de sujeito (MS) também se realiza na língua Nyungwe e Nyanja, línguas de grupos linguísticos diferentes.

Bibliografia

Alfândega (2003) *100 Anos Depois, UEM, Maputo*

GREENBERG, J. (1963) *The languages of Africa*. Bloomington: Indiana University and The Hague: Mouton.

Guthrie, (1967/71) *Comparative Bantu*. Vols. I-IV. Clarendon. Oxford University Press.

HEINE, Bernd & NURSE, Derek. (2000) *African Languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lopes, A. J (1999) The Language Situation in Mozambique. In R. B. Kaplan and R. B. Baldauf, Jr. (eds). *Language Planning in Malawi, Mozambique and Philippines*. Pp.86-131. III series: *Multilingual Matters (series)*: 113. Shor run Press, Ltd. Brat Britain.

MEINHOFF, Carl. (1906) *Grundriss einer Lautlehre der Bantusprachen*. Leipzig.

MEUSSEN, A. E. (1967) Bantu grammatical reconstructions. *Africana Linguistica* 3:79-121. Musée Royal de l'Afrique Centrale, Tervuren.

Mutaka e Tamanji (2000) *Na Introduction to African Linguistics*. (Lincom Handbooks in Linguistics).

NGUNGA, Armindo. (2000). *Relatório do II Seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas*. Maputo: NELIMO.

NGUNGA, Armindo. (2004) *Introdução à Linguística Bantu*. Imprensa Universitária. Maputo,



Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo: NELIMO – Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane.

REGO, S. V. (2012). Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em *nyungwe*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Portugal

Simango (1997) *Elementos da Gramática Descritiva da língua Sena*. Maputo. INDE

Sítio, B. & A. Ngunga (Eds.) (2000): *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Bantu*. Maputo, Imprensa Universitaria.

Viagem, L. I (2008) *A Reduplicação Verbal da Língua Nyungwe*. Monografia não publicada, UEM, Maputo.

WERNER, A . (1919) *The Bantu Languages*. London: Kegan Paul, 1919.